

COISAS DA POLÍTICA

■ TEODOMIRO BRAGA

O despertar de uma nação

O velho leão lambeu as feridas, esqueceu o orgulho e a prepotência e mandou às favas as propostas mirabolantes para vencer a grande batalha que trava no Congresso. Em meio ao massacre que vem sofrendo, o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) reviu nos últimos dias a estratégia de sua luta pela sobrevivência política, optando pelo método tradicional de fazer política para tentar impedir a derrota que a cada dia parece mais provável.

Um interlocutor a quem ACM pediu ajuda descreveu a fala do senador como "decididamente sedutora". "Era o Toninho Ternura", resumiu. A partir desta semana, o senador pretende disparar telefonemas emotivos a jornalistas, autoridades e parlamentares, buscando apoio à tese de que não cometeu delito tão grave e que a cassação é um exagero para quem tem vasta folha de serviços prestados ao país.

ACM rejeitou propostas para recorrer a novas armas, como a contratação de estruturas publicitárias e de consultores políticos. Ele retomou as relações com o jornalista Fernando César Mesquita, seu antigo assessor. Os comerciais de televisão em sua defesa, programados para esta semana, fazem parte da ofensiva preparada por velhos aliados, incluindo o publicitário baiano Fernando Barros.

O senador quer convencer a opinião pública nacional de que é diferente do senador ex-tucano José Roberto Arruda, de que não está envolvido em corrupção e que por isso merece tratamento menos duro. ACM sabe que está diante da pior das muitas batalhas que já enfrentou nas últimas décadas, principalmente porque não dispõe dos importantes apoios com que contava nos meios de comunicação.

Foi sintomática a declaração do jornalista Ruy Mesquita, um dos donos do jornal *O Estado de S. Paulo*, revelando a cruel avaliação de Fernando Henrique de que só Regina Borges não mentiu na acareação de sexta-feira. Defensor ardoroso de ACM, no passado, *O Estadão* vem manifestando, nos seus influentes editoriais, a posição de que ACM e Arruda são mentirosos confessos, transgrediram o decoro parlamentar "no mais alto grau" e devem perder os mandatos "que deixaram de honrar".

Também chama a atenção a impiedosa cobertura jornalística que vem sendo dado ao caso pelas empresas do grupo Globo, nas quais ACM, durante anos, era tratado com uma deferência que fazia jus à sua profunda amizade com o patriarca do conglomerado, Roberto Marinho. No Palácio do Planalto, chegou a informação de que ACM telefonou, no início da semana passada, a dois dos irmãos Marinho para reclamar da cobertura da TV Globo.

A queixa não surtiu o menor efeito, como constatou o próprio ACM nos dias seguintes. Ele continuou sendo ridicularizado nas charges do principal jornal do grupo e provocou gargalhadas de milhões de brasileiros na pele de *Antonio Carlos Fraudalhões*, um político chegado às fraudes, personagem do programa de humor *Caseta & Planeta*.

Na novela das oito da Globo, ganhou destaque o papel de um senador baiano que encarna um político do mal, aquele que a população quer ver longe do Congresso. Na CBN, ACM e Arruda são vilões na devastadora cobertura feita pela rádio de notícias, também do grupo Globo, sobre o escândalo da violação do painel do Senado. A emissora criou até musiquinha para chamar a atenção para o escândalo.

Na verdade, não tem nada de excepcional ou fora do padrão a forma com que *O Estadão* e o grupo *Globo* vêm tratando a crise provocada pela violação do painel do Senado. Suas coberturas sobre o caso estão em sintonia com a indignação da opinião pública com o crime cometido a mando dos ilustres senadores. Não há como minimizar: foi um crime de estupro, cometido contra o que há de mais sagrado num Parlamento, que é o voto. Para crimes hediondos não há complacência: pena máxima.

Faz parte da nova estratégia de ACM para reverter esse quadro amplamente desfavorável recorrer a artifícios que permitam arrastar por semanas, talvez meses, o processo aberto pela Comissão de Ética do Senado. Imagina que o tempo possa favorecer os réus, de forma que o caso venha a ser julgado quando tiver passado esse grande clamor da população por punição exemplar aos culpados.

O envolvimento de um tubarão da política, o emocionante depoimento da ex-diretora do Prodasen Regina Célia Peres Borges e os incríveis juramentos falsos de um ex-líder do governo: esses foram alguns dos ingredientes que contribuíram para tornar popular um caso que por si só já representava um escândalo sem precedentes na política brasileira e talvez mundial. Não há notícia de coisa igual nem no Peru do governo Fujimori, onde ocorreram esculhambações de quase toda natureza.

A desilusão de grande parte da população com a situação atual e o avanço da oposição no Congresso, aproveitando a desarticulação da aliança governista, são componentes fundamentais do cenário em que o escândalo do Senado encontrou campo fértil para prosperar e ganhar a dimensão atual de assunto número um do país.

A monumental trapalhada de ACM & Arruda criou um desses momentos mágicos, que acontecem vez por outra: despertou a nação, revigorou a vontade da população de participar. Fenômenos como este não se barram com mudança de estratégia ou comerciais de televisão. Essas ondas de civilismo, como se viu nas campanhas pelas Diretas e pela derrubada de Collor, costumam durar longo tempo.

É aí que mora o perigo para o Palácio do Planalto. Num ambiente desse, de comoção nacional, a criação da CPI da Corrupção, pretendida pela oposição, pode ser politicamente ruína para os atuais donos do poder. Instalada agora, a CPI certamente contribuirá para que essa onda de indignação popular se prolongue e vá bem longe – até 2002, o ano das eleições presidenciais.

O prolongamento da crise atual é grande risco para o governo